

Efeito Bienal:

León Ferrari e Marina Abramovic, polêmicos

Duas mostras estrangeiras de destaque, na Pinacoteca e no Sesc Pinheiros

Maria Hirszman
ESPECIAL PARA O ESTADO

Os destaques estrangeiros são poucos, mas significativos. Enquanto a Pinacoteca abre espaço para a obra do argentino León Ferrari, trazendo 120 obras produzidas por ele desde a década de 50, Sesc Pinheiros exhibe o trabalho de Marina Abramovic, um dos principais nomes da produção contemporânea mundial. Pode-se dizer que ambos têm em comum um viés político e afirmativo e uma grande capacidade de causar polêmica.

Denunciando a hipocrisia da Igreja com obras de forte teor iconoclasta, explicitando os horrores do imperialismo belicista, Ferrari teve sua exposição fechada antecipadamente em Buenos Aires - retrospectiva que serve de base para a mostra atual - por causa de protestos de conservadores católicos.

Marina, por sua vez, costuma trabalhar com temas de grande impacto, chegando a colocar sua própria vida em risco. Nessa mostra brasileira ela mostra uma série de vídeos em recria rituais antigos realizados em sua terra, os Balcãs, usando o poder dos órgãos sexuais como forma de fertilizar a terra, interromper a chuva, etc, associando tradição de um povo dilacerado por guerras fratricidas, erotismo e espiritualidade telúrica.

MUSEUS

As instituições museológicas, que no passado desenvolviam intensa programação paralela à Bienal, este ano comparecem em passo lento, dando mostras evidentes de que falta-lhes fôlego financeiro e curatorial. Apenas o MAM e a Pinacoteca têm conseguido distanciar-se deste marasmio, realizando nesse período-chave exposições que conseguem ser ao mesmo tempo atraentes para o público e conectadas com o espírito da Bienal.

O MAM está inclusive com uma dupla programação de peso. Em seu espaço tradicional, sob a marquise, ele expõe uma grande seleção de obras do período concretista. *Concreta 56, A Raiz da Forma*, com curadoria de Lorenzo Mammi, busca reconstituir a célebre mostra ocorrida em 1956 e 1957 no Rio e em São Paulo marcando a entrada definitiva do construtivismo como linguagem por excelência da criação artística de vanguarda no País. A introdução desse repertório, da busca de uma arte de caráter utópico, que deixa para trás os modelos da representação clássica em busca das potencialidades transformadoras da forma abstrata e da produção industrial, está intimamente vinculada à Bienal. É ela quem introduz essas questões - até de forma um tanto tardia - no País, ao abrir suas portas em 1951.

A outra aposta do MAM é

CONCRETA 56, A RAIZ DA FORMA RELEMBRA CÉLEBRE EXPOSIÇÃO DE VANGUARDA

na divulgação e valorização do seu acervo, com um viés marcadamente contemporâneo. A mostra, com curadoria triplíce de Tadeu Chiarelli, Felipe Chaimovich e Cauê Alves, reúne na Oca - outro espaço nobre do Parque do Ibirapuera, um tanto em desuso depois da crise que culminou com a prisão de Cid Ferreira e o fim das atividades da BrasilConnects - 700 obras dentre as 4.500 peças da coleção (leia texto abaixo).

Já o Masp inaugura amanhã a primeira exposição organizada por seu novo curador, Teixeira Coelho: *A Arte como Crítica de Arte*, que vai reunir 90 obras de arte moderna e contemporânea brasileira. ●



RITUAIS ANTIGOS - Marina Abramovic e série de vídeos sobre o povo dos Balcãs: guerras fratricidas, erotismo e espiritualidade telúrica

GALERIAS

Grande coletiva e chamarizes

Além da exposição Paralela no Parque do Ibirapuera, espaços comerciais dedicam sua agenda nestes tempos de Bienal para apresentar mostras de seus principais artistas

NOME	LOCAL	ENDEREÇO	TELEFONE	INAUGURAÇÃO	ENCERRAMENTO
Paralela 2006	Pavilhão Armando de Arruda Pereira	Parque do Ibirapuera, portão 10		Sexta-feira	19/11
Hélio Oiticica - Penetrável	Galeria Nara Roesler	Avenida Europa, 655	3063-2344	Quarta-feira, 10h	18/11
Hélio Oiticica - Parangolés	Paulo Kuczynski Escritório de Arte	Alameda Lorena, 1.661	3064-5355	Aberta	11/11
Mira Schendel	Galeria Millan Antonio	Rua Fradique Coutinho, 1.360	3031-6007	Quarta-feira, 10h	1/11
Rosângela Rennó e Tyle Is Not a Love Song	Galeria Vermelho	Rua Minas Gerais, 350	3257-2033	Amanhã, 20h	4/11
Jeniffer Tschäpe e Nuno Ramos	Galeria Fortes Vilaça	Rua Fradique Coutinho, 1.500	3032-7066	Quarta-feira, 10h	3/11
Jac Leirner	Galeria Baró Cruz	Rua Clodomiro Amazonas, 528-6	3167-0830	Quarta-feira, 19h	4/11
Contrabando	Galeria Luisa Strina	Rua Oscar Freire, 502	3088-2471	Quarta-feira, 10h	10/11
Singular e Plural	Márcia Razuk Galeria de Arte	Rua Jerônimo da Veiga, 62, lj. 2	3079-0853	Quarta-feira, 10h30	12/11
Oscar Oiwa	Galeria Thomas Cohn	Avenida Europa, 401	3083-3355	Quarta-feira, 10h	4/11
Núcleos Contemporâneos II	Valu Orja Galeria de Arte	Alameda Casa Branca, 1.130	3083-0811	Quarta-feira, 10h	28/10
Concretistas e Neoconcretistas	Dan Galeria	Rua Estados Unidos, 1.638	3083-4600	Quarta-feira, 19h	4/11
Rosana Palazyan e Luz Angela Lizarazo	Galeria Leme	Rua Agostinho Cantu, 88	3814-8184	Abertas	20/10
Antonio Manuel	Gabinete de Arte Raquel Arnaud	Rua Artur Azevedo, 401	3083-6322	Aberta	11/11
Ivens Machado e Paisagem Bruta	Galeria Virgílio	Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 426	3062-9446	Abertas	28/10
Nelson Leirner	Galeria Brito Cimino	Rua Gomes de Carvalho, 842	3842-0635	Aberta	4/10
Eduardo Coimbra	Galeria Oeste	Rua Mateus Grou, 618	3815-9889	Aberta	18/11
Florian Raiss	Galeria Mônica Filgueiras	Rua Bela Cintra, 1.533	3082-5292	Aberta	4/11
Como Viver Longe	Casa da Xiclet	Rua Fradique Coutinho, 1.855	7314-4550	Amanhã	23/12
Ricardo Junqueira	Imã Foto Galeria	Rua Fradique Coutinho, 1.239	3816-1290	Aberta	20/10
Paulo Greuel	Galeria Multipla de Arte	Avenida Morumbi, 7.986	5041-0157	9/10	4/11
Transversal	Galeria Sergio Caribé	Rua João Lourenço, 79	3842-5135	Aberta	31/10

INFOGRÁFICO/AGE

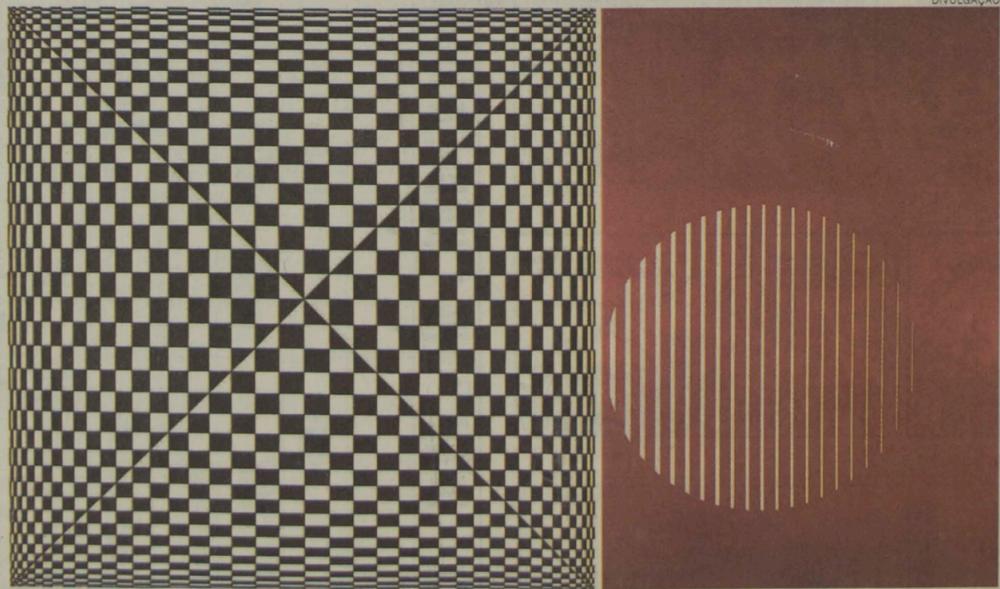
MAM na Oca, leitura especial da arte brasileira

Reunião de 700 obras do museu é oportuna: afinal, ele e a Bienal têm o mesmo pai e uma vida conturbada em comum

As histórias do MAM e da Bienal caminham juntas. Têm o mesmo pai e uma vida, conturbada, em comum. Portanto nada mais natural do que realizar uma grande releitura do acervo do museu concomitantemente à grande mostra internacional que rapidamente tornou-se mais conhecida do que a instituição que a engendrou. Olhando ao mesmo tempo para a instituição e para a produção artística desenvolvida ao longo dessas várias épocas, a exposição *MAM na Oca*, que será inaugurada hoje no Parque do Ibirapuera, propõe uma leitura bastante

HÁ ESPAÇO PARA ARTISTAS DE PONTA MAS NÃO CONHECIDOS DO GRANDE PÚBLICO

particular da arte brasileira. Reunindo cerca de 700 obras realizadas a partir de 1968 - data em que o museu recomeça a constituir um acervo, tentando superar a fase de crise iniciada depois que Cicillo Matarazzo decide doar a coleção do MAM para o Museu de Arte Contemporânea da USP -



PÓS-CRISE - Nas fotos, trabalhos de Luiz Sacilotto e Lothar Charoux: seleção parte de 1968, data em que o MAM recomeça a montar seu acervo

e com ênfase nas obras adquiridas após 1995 quando assume a atual presidência, essa exposi-

ção trabalha com vários eixos paralelos. A produção artística nacional não é apenas vista co-

mo uma sucessão cronológica, uma evolução natural entre as várias escolas predominantes,

mas em função de algumas questões que os curadores Tadeu Chiarelli, Felipe Chaimovi-

ch e Cauê Alves identificaram como relevantes para se pensar a recente produção nacional.

Há uma evidente associação entre a arquitetura do espaço expositivo e as peças selecionadas. O subsolo, por exemplo, abriga obras associadas com a idéia de "subconsciente", trabalhos que tentam fugir de leituras hegemônicas da história da arte. São 200 obras nesse segmento, assinadas por artistas como Regina Silveira, Nelson Leirner, Oswaldo Goeldi, Waltercio Caldas e Miguel Rio Branco.

Conforme vamos subindo em direção à cúpula arredondada da Oca, vamos sendo apresentados a núcleos que trabalham com a relação entre arte e espaço urbano - com grande ênfase sobre a fotografia -; e com questões essenciais da arte moderna como linguagem, forma e espacialidade. Ao final, há um espaço dedicado a artistas de ponta da produção contemporânea, que vem obtendo grande destaque no circuito internacional mas que ainda não são conhecidos do grande público, como o baiano Marepe. Artista que, aliás, promete ser uma das atrações nacionais na vizinha Bienal. ● M.H.